

Capítulo 15

DESPORTO E POLÍTICA

Dois fenómenos estruturalmente idênticos

António da Silva Costa¹

INTRODUÇÃO – O DESPORTO É UM MODELO SIMBÓLICO EXEMPLAR

O fenómeno desportivo moderno é, talvez, o facto social mais significativo do nosso tempo e podemos até considerá-lo, como o fazem muitos sociólogos, uma das melhores chaves de leitura da sociedade actual. Defendemos mesmo a ideia de que é possível estruturar uma sociologia a partir do desporto e de que um estudo alargado do fenómeno desportivo nos permite construir um modelo analítico perfeito da sociedade global. O desporto é, com efeito, um fenómeno humano de tal modo ligado às origens do homem e da sociedade, à organização política e social dos povos e dos Estados, à estrutura e ao funcionamento das instituições sociais, educativas, recreativas e religiosas que não temos dúvidas em afirmar que é possível analisar uma sociedade particular através dos desportos que ela pratica.

Deixamos de lado toda a problemática das afinidades entre jogo e desporto e, aceitando que eles são elementos inseparáveis e constitutivos de um mesmo universo a que chamamos fenómeno ludodesportivo, vamos tentar analisar a estrutura e o funcionamento simbólico do desporto na cultura actual e ver em que medida ele se apresenta como modelo do funcionamento e organização da própria sociedade, neste caso de uma das suas instâncias fundamentais que é a instância política. A nossa análise tem como ponto de partida a imprensa desportiva e o conhecimento que temos do desporto e de todos os símbolos e rituais que funcionam neste universo, os quais nos permitem viver de novo os grandes sistemas simbólicos que encontramos nas narrações míticas das sociedades arcaicas.

O desporto é evidentemente um sistema social com a sua realidade própria, com o seu funcionamento institucional bem definido. Mas o sistema desportivo encontra toda a força

(1) Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

deste funcionamento e toda a sua capacidade de significação nos símbolos que ele utiliza, nos ritos que ele celebra e nos mitos arcaicos que ele reproduz no seio da nossa sociedade. Trata-se de um sistema fundamentalmente simbólico, de carácter ritual e de natureza mítica. É por isso que o desporto, sendo um fenómeno social total, é capaz dos investimentos sociais mais diversos. Podemos mesmo dizer que o desporto é capaz de investir todos os aspectos fundamentais da sociedade. Partindo, pois, do modelo desportivo e tendo em conta a dependência que o desporto tem em relação aos símbolos, aos rituais e ao universo dos mitos, vamos fazer uma comparação entre a estrutura e o funcionamento destes dois fenómenos: o desporto e a política. As semelhanças entre eles são certamente profundamente surpreendentes.

1. O MUNDO POLÍTICO É UM JOGO RITUAL

1.1. A política é um mundo ritual

O universo político utiliza muitos rituais e o seu funcionamento está profundamente dependente da presença do espectáculo. Já R. G. Schwardzenberg afirmava que hoje, na política, não são as ideias, mas sim as pessoas, ou antes, personagens que representam um papel como no espectáculo. É a esfera política que funciona através de uma encenação lúdica.

Falando de certas manifestações políticas, organizadas por Estados que baseiam totalmente o seu funcionamento no espectáculo, o autor citado refere-se a todas as cerimónias verdadeiramente rituais e às cores simbólicas onde «o vermelho evoca o sangue, o sacrifício e o rito» e onde «o ouro simboliza ao mesmo tempo a abundância e o mito solar»². É na arte do teatro, pensa este autor, que os actores políticos encontram todos os modelos em que eles se podem inspirar, mas não esqueçamos que o teatro é, antes de tudo, uma arte sublime de origem sagrada que conserva as aparências de uma liturgia.

Olhando atentamente para o que se passa no mundo actual, constatamos que muitas cenas políticas nos são apresentadas, nomeadamente pelos meios de comunicação social, como verdadeiras celebrações religiosas, onde o chefe carismático tenta desempenhar o papel de profeta ou de messias, sendo esperado e aclamado pela multidão dos espectadores, onde os hinos e os cantos acompanham o ritual daquelas comunhões colectivas e onde as bandeiras e os estandartes, símbolos da pátria e do poder, dão a essas manifestações as cores da festa.

Para a política, as manifestações rituais são importantes porque elas permitem a actualização dos mitos. O homem político deve aceitar representar o melhor possível o seu papel, porque a reprodução dos símbolos e dos mitos é para ele algo de fundamental.

(2) SCHWARTZENBERG R.G., *L'état spectacle, Le star system en politique*, Paris, Flammarion, 1977, p. 7.

Tudo o que acabámos de referir, situa-nos numa perspectiva que vê a política a funcionar numa relação com o sagrado. Mas afinal qual é a fonte da legitimidade do Estado?

Segundo R. G. Schwartzberg, a fonte da legitimidade do Estado é geralmente situada na Sociedade, no Destino, na História ou directamente no próprio Deus. Aliás, certos chefes políticos apresentam-se ao povo como sendo o seu Salvador, senão mesmo o Deus em pessoa. «Com toda a evidência, o herói mantém relações privilegiadas com a divindade. Como na mitologia, o chefe é um semi-deus, um intermediário entre os deuses e os mortais. É o representante dos segundos junto dos primeiros»³.

1.2. A política é um jogo

Comparando estes dois fenómenos, o desportivo e o político, não é difícil constatar, como aliás já tivemos ocasião de o dizer e escrever por diversas vezes, que eles são profundamente semelhantes⁴. O seu funcionamento é idêntico, a sua lógica é fundamentalmente a mesma e o seu discurso rege-se pela mesma gramática.

Antes de mais nada, e tomando como ponto de observação o caso do futebol, podemos afirmar que a política é um jogo. Não um jogo abstracto, mas um jogo feito com homens, capazes de sentir o prazer de jogar, de esconder o jogo, de enganar o adversário e de tentar jogar inteligentemente para conseguir sempre a vitória.

A palavra «jogo», principalmente no caso da política, pode ser fonte de muitas ambiguidades. Porém, segundo P. Lenain, podemos aplicar integralmente à política a célebre definição de jogo de R. Caillois: «Actividade livre, separada, incerta, improdutivo, regulada e fictícia»⁵.

Como todo e qualquer jogo, o jogo político tem os seus princípios e a sua lógica: funciona com base nas relações de força e rege-se por uma lógica agonística. No centro do jogo político, encontra-se o jogador. Os homens políticos são, portanto, jogadores que lutam, antes de mais nada, pela vitória e, finalmente, pela sua sobrevivência no universo competitivo em que jogam. Se não jogam bem, se não dão o rendimento que o treinador espera deles ou se não estão em condições físicas ou psíquicas de continuar a jogar, são excluídos do jogo e substituídos. Mas os seus substitutos devem «entrar no jogo», se não querem ser também substituídos. É apenas ao treinador que pertence indicar a estratégia a seguir. O jogador deve ser criativo, mas não pode sair da estratégia comum imposta à equipa.

No que diz respeito às qualidades exigidas a um bom jogador político, a imprensa desportiva pode oferecer uma resposta eficaz e completa. O bom jogador político, como aliás

(3) SCHWARTZENBERG R.G., *op. cit.*, p. 37.

(4) SILVA COSTA, A., *À Volta do Estádio*, Porto, Campo das Letras, 1997, p. 35-37.

(5) LENAIN P., *Le jeu politique*, Paris, Éd. Economica, 1986, p. 9.

o afirma P. Lenain, deve ser aplicado, persistente, confiante em si próprio, calculador, corajoso, lúcido no que diz respeito ao jogo dos seus parceiros e dos seus adversários⁶.

Como num jogo de futebol, em política trata-se de um jogo cruel, sem piedade, onde não há lugar para os vencidos. O futebol é um jogo desportivo que pode fornecer um bom modelo de jogo político por causa da sua natureza espectacular, do seu sucesso popular e, sobretudo, porque se trata de um jogo essencialmente colectivo, utilizando uma estratégia bem definida, onde é preciso ter um bom domínio de bola e atacar a fundo sem nunca descurar a defesa. É por isso que tomamos o futebol como ponto de partida para uma análise comparativa entre desporto e política. As afinidades entre estes dois fenómenos são tão profundas e surpreendentes que a sua comparação nos ajudará, como veremos mais adiante, a compreender melhor o seu funcionamento no seio da nossa sociedade actual.

1.3. A linguagem desportiva, modelo da linguagem política

A imprensa desportiva tornou-se de tal maneira importante e conquistou um tal lugar em todos os meios de comunicação social que, segundo J.-M. BROHM, «a informação desportiva tornou-se assim o modelo da informação política»⁷. É certo que, nas ocasiões das manifestações políticas, das campanhas eleitorais ou nos momentos das eleições, os jornalistas, que muitas vezes são os mesmos da imprensa desportiva, usam frequentemente a mesma linguagem utilizada nas reportagens dos jogos de futebol ou de outras competições desportivas. Assim falam de fora-de-jogo, jogo empatado, fintar o adversário, rematar ao lado, etc. Se, na linguagem desportiva, encontramos a presença de muitas expressões metafóricas de tipo político, nomeadamente do domínio militar, na linguagem política abundam as metáforas desportivas, como passar a bola aos adversários, fazer jogo aberto ou ocupar o posto de ponta-de-lança, como muitas vezes se designam os chefes dos partidos.

Mas aqui surge-nos um problema que merece a nossa atenção e cuja solução pode ajudar-nos a melhor compreender a natureza e o funcionamento do fenómeno político.

A linguagem desportiva utiliza muitos registos, o que lhe permite exprimir o funcionamento de um fenómeno tão complexo como é o fenómeno desportivo, tanto na realidade das suas competições e manifestações concretas como na função que ele exerce no imaginário colectivo das massas populares⁸.

O desporto apresenta-se, antes de mais nada, como um fenómeno social com a sua organização institucional, com a realização dos seus espectáculos competitivos e com as suas festas. A imprensa desportiva fala-nos, evidentemente, desta primeira imagem do desporto,

(6) LENAIN P., *op. cit.*, p. 28.

(7) BROHM J.-M., *Sociologie politique du sport*, Paris, Jean-Pierre Delarge, 1976, p. 284.

(8) Cfr. SILVA COSTA A., *Essai d'une herméneutique sportive de la société*, in DERÈZE G., *La quatrième mi-temps*, Louvain-la-Neuve, O.R.M, Université Catholique de Louvain, 1995, p. 103-112.

do seu lado social. Mas um estudo mais aprofundado dos *media* e particularmente da imprensa desportiva permite-nos ir mais longe e ver o outro lado do desporto, o seu funcionamento simbólico e mítico. Assim, se nós podemos considerar o desporto como um fenómeno social total, o universo da linguagem desportiva fornece-nos elementos para falar da presença, no seio da nossa sociedade industrial, de um mecanismo reprodutor de mitos arcaicos para o homem do nosso tempo. Na linguagem desportiva, encontramos elementos que nos permitem considerar o desporto como um sistema mítico completo e coerente. Assim encontramos lá a presença de símbolos cosmológicos e de temas arcaicos, referências a heróis, herdeiros dos antigos heróis míticos e verdadeiros representantes dos seus irmãos, a realização de combates e de lutas próprias de deuses ou de seus sucessores na terra.

Para nos falar de tudo isto, a linguagem desportiva utiliza abundantemente os registos do combativo, do maravilhoso e do passional. No seu funcionamento, nós encontramos efectivamente jogos metafóricos situados principalmente no domínio do dramático, do militar e mesmo do religioso. Estamos pois em presença de uma linguagem simbólica de tipo poético que convida ao sonho e à evasão. A linguagem desportiva é uma linguagem iniciática que permite sonhar e aliviar o peso da vida quotidiana. A imprensa desportiva parte dos rituais festivos do futebol para permitir aos leitores saírem deles próprios e poderem viver estes jogos como uma celebração da vida e mesmo como uma participação no jogo cósmico através desta liturgia do mundo que é o futebol.

Se as semelhanças entre a linguagem desportiva e a linguagem política são tão profundas, será que isto nos ajudará a compreender melhor o jogo político, o qual é considerado funcionar no universo do real e que, em todo o caso, condiciona e dirige a vida dos cidadãos? É o que vamos tentar mostrar na sequência das nossas reflexões.

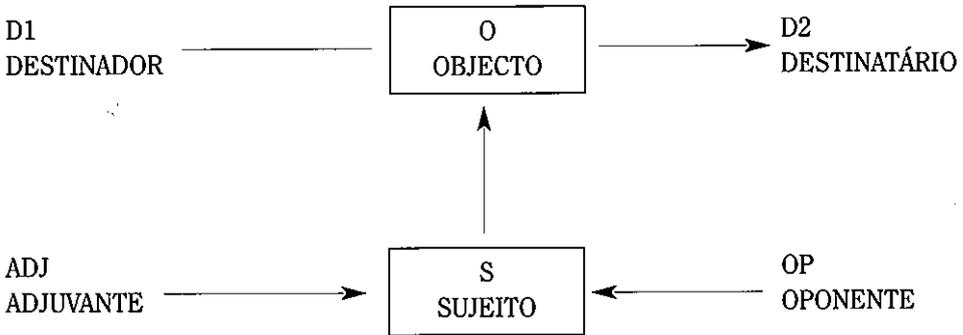
2. FUNCIONAMENTO ESTRUTURAL DO DESPORTO E DA POLÍTICA

2.1. Modelo mítico de Greimas

Como já referimos, o desporto, visto nomeadamente a partir de um dos seus principais representantes que é o futebol, é um fenómeno que, tanto na sua estrutura como no seu funcionamento, tem muitos elementos que o ligam ao universo dos mitos, mas que se apresenta, no seio da nossa sociedade, como uma instituição de carácter universal. Por isso, a metodologia analítica que propomos para fundamentar a comparação que estamos a tentar realizar situa-se no interior da perspectiva teórica do conhecido e famoso linguista francês, A. G. Greimas. A grelha de leitura que vamos apresentar, embora muito sumariamente para respeitar os limites que nos foram impostos, é baseada numa metodologia de análise estrutural que o seu autor organizou com o objectivo de estudar fenómenos institucionais de tipo cultural e isto a partir de materiais colhidos no universo da linguagem.

Trata-se de um modelo mítico, porque foi pensado para analisar textos ou fenómenos onde encontramos a presença do mito.

Modelo actancial mítico de Greimas⁹:



Greimas organizou o seu modelo a partir da análise de narrações de tipo mítico, no caso os contos populares russos que V. Propp estudou na sua «Morphologie du conte». Os elementos do modelo, a que Greimas chamou «actantes», designam funções que são, no fundo, qualificações da ordem do «fazer». Não os podemos confundir com «actores». Estes são personagens que actuam nas narrações ou nos acontecimentos. Os actantes são unidades semânticas e podem representar um ou mais actores, assim como um actor pode ocupar vários postos no dito modelo.

Greimas destacou as seis funções principais propostas por Propp e com elas estruturou o seu esquema actancial que se revelou de grande operacionalidade como modelo analítico do agir. É um esquema dinâmico que permite uma análise de conjunto das relações associativas dos actantes que funcionam nos textos e que representam os actores sociais do fenómeno que analisamos.

No modelo de Greimas, encontramos vários eixos semânticos que nos dão o significado do funcionamento global dos textos ou do fenómeno que constituem o objecto do nosso estudo:

(9) GREIMAS A. J., *Sémantique structurale – Recherche de méthode*, Paris, Librairie Larousse, 1966, p. 180. Aqui queremos agradecer à Doutora Ana Luísa Pereira, da FADEUP, a sua preciosa colaboração na apresentação gráfica deste texto.

Eixo da comunicação:

Destinador ----- Objecto -----» Destinatário

Eixo da conquista:

Sujeito -----» Objecto

Eixo da luta:

Adjuvante -----» Sujeito «----- Oponente

Na fase da dramatização, os actores situam-se no centro da análise, mas no seu estatuto actancial. Os actores desempenham o seu papel actancial num esquema dinâmico onde é possível analisar as suas relações mútuas num movimento de tipo circular, que podemos definir a partir do estudo dos diferentes eixos semânticos que formam o modelo.

O esquema actancial proposto por Greimas é destinado às análises de narrativas, como os contos e as narrações míticas, onde há um desenrolar temporal da acção através de uma série de etapas já clássicas, nomeadamente as provas qualificante, principal e glorificante, como sucede no desporto e na política¹⁰.

2.2. Modelo mítico aplicado ao desporto

No desporto encontramos elementos que justificam perfeitamente a aplicação do modelo de Greimas. Uma competição de futebol, como os Campeonatos da Europa ou do Mundo, as diferentes Competições Europeias de Clubes, etc., são verdadeiros acontecimentos heróicos com todas as provas que encontramos nas narrações míticas. A leitura da imprensa desportiva confirma abundantemente esta estrutura mítica do futebol. Aí encontramos, de facto, todos os elementos essenciais dos fenómenos míticos: presença de heróis, combates titânicos, provas qualificativas, a grande prova final e momentos glorificantes para os vencedores e de desolação para os vencidos. Para uns é a conquista do paraíso, para os outros é a condenação ao inferno

Para descobrir, a partir da imprensa desportiva, os elementos da dramatização que vão ser postos em relação no esquema actancial, é preciso colocar aos textos certas perguntas ou formular algumas questões tendo em conta o funcionamento do fenómeno a analisar.

(10) SILVA COSTA A., Elementos para uma teoria desportiva da sociedade, Lição para as Provas de Agregação, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 1995.

As principais perguntas são as seguintes:

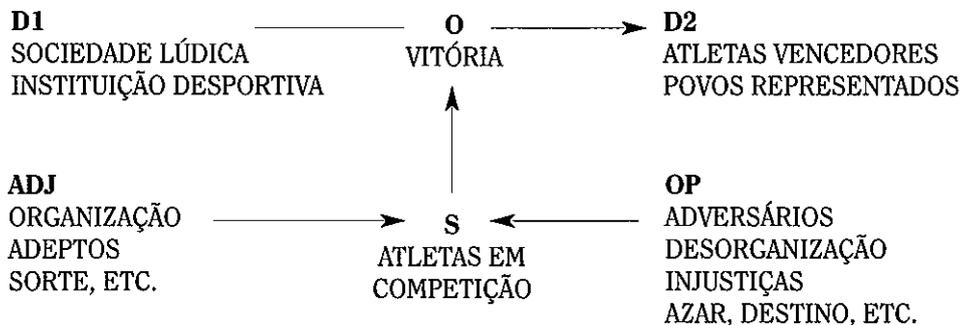
- Quem procura conquistar o quê? (Sujeito e Objecto).
- Quem alcança o quê? (Destinatário).
- Quem torna possível, mediante a proposta de uma prova, de um combate ou de um jogo, a passagem de uma situação de falta ou de privação à situação de obtenção? (Destinador).
- Quem ajuda ou o que é que favorece o sujeito a alcançar o objecto do seu desejo? (Adjuvante).
- Quem ou o que é que se opõe a essa conquista? (Oponente).

As respostas a estas perguntas indicar-nos-ão assim os actantes que vão ocupar os diferentes postos do modelo actancial.

A nossa observação da imprensa desportiva e o conhecimento teórico e prático que temos do universo desportivo, tendo como pano de fundo as questões que acabamos de enunciar, levaram-nos a propor para o desporto um esquema actancial que nos parece bastante operacional para conseguirmos uma visão global deste fenómeno. Este esquema dá-nos uma imagem instantânea das relações associativas que existem entre os elementos activos que constituem o universo desportivo.

Como a imprensa desportiva o mostra claramente, os jogos de futebol são lutas dramáticas, cujo objectivo supremo é a vitória. No centro da luta encontram-se os actores principais, os jogadores, verdadeiras encarnações dos heróis míticos que encontramos nas narrações sagradas das origens. Assim, a sociedade lúdica e o sagrado são certamente o fundamento e o que torna possível o funcionamento do universo desportivo. Aqui encontramos elementos que favorecem a conquista da vitória e outros que a tornam algo de complicado a conquistar. Sendo assim, podemos organizar facilmente o modelo actancial do futebol que, tendo em conta a sua capacidade representativa do universo desportivo, pode funcionar como modelo de todo o desporto.

MODELO ACTANCIAL DO DESPORTO



Este esquema dá-nos uma imagem instantânea das relações associativas existentes entre os elementos activos que constituem o universo do futebol e normalmente em todo o universo desportivo. Estas relações situam-se numa dinâmica relacional de movimento circular. O modelo de Greimas representa um contributo importante para uma melhor compreensão do funcionamento mítico do universo desportivo. Além disso, ele pode ajudar-nos a descobrir este funcionamento na cultura de massa pois, como já dizia Cl. Chabrol, «a estrutura actancial aparece cada vez mais como sendo capaz de mostrar a organização do imaginário humano, tanto a nível colectivo como individual»¹¹.

De qualquer forma, o modelo actancial de Greimas aplicado ao desporto serve-nos como um bom ponto de partida para a realização de uma análise estrutural da política, embora muito sumária, para assim vermos as profundas afinidades que existem, tanto ao nível da natureza como do funcionamento, destes dois fenómenos.

2.3. Modelo actancial aplicado à política

Baseados nos mesmos princípios que utilizámos para a construção do modelo actancial do desporto, vamos tentar pôr em evidência os actores e as funções do universo político que representam o papel de actantes num esquema que nos dê uma visão global e instantânea do funcionamento deste universo.

Se o modelo actancial de Greimas aplicado ao desporto é muito fácil de construir a partir de uma leitura atenta da imprensa desportiva e de uma observação razoável do funcionamento deste fenómeno no seio da nossa sociedade, já a aplicação do mesmo modelo à política exige algumas reflexões preliminares a propósito dos diferentes postos que o constituem.

DESTINADOR: Seguindo o ponto de vista de E. Durkheim, para quem a base explicativa do homem e de tudo o que lhe diz respeito se encontra na sociedade e no pensamento colectivo, temos de aceitar que, no modelo actancial do universo político, o papel de Destinador é exercido pela sociedade. Mas, por outro lado, como afirma este autor, «sabemos desde há muito tempo que os primeiros sistemas de representações que o homem se fez do mundo e dele próprio são de origem religiosa»¹². É portanto do lado do sagrado que nós devemos procurar o ponto de partida e a base de funcionamento do universo político. Além disso, afirma ainda Durkheim, «todos nós conhecemos as origens religiosas da ideia de poder»¹³.

(11) CHABROL CL., *Sémiotique narrative et textuelle*, Paris, Larousse, 1973, p. 162.

(12) DURKHEIM E., *Les formes élémentaires de la vie religieuse – Le système totémique en Australie*, Paris, PUF, 1985, p. 12.

(13) DURKHEIM, *op. cit.*, p. 598.

Para o filósofo espanhol Ortega y Gasset, o «homo sapiens» é, antes de tudo, o «homo desportivus». Na sua tese sobre a origem desportiva do Estado, Ortega y Gasset refere-se às funções de caça, de luta e de perseguição que existiam nos jogos das sociedades arcaicas.

Sendo assim, podemos atribuir o papel de Destinator do universo político à Sociedade lúdica, estando esta ligada, nas suas origens e na sua organização primordial, aos mitos e ao sagrado. Se seguirmos as conclusões de R. G. Schwartzenberg no seu estudo atrás citado, que analisa muitos casos de políticas tornadas célebres, teríamos de falar de um Destinator mais complexo. No papel deste posto actancial, poderíamos encontrar não somente o Povo e a Sociedade, mas também a História e o próprio Deus¹⁴.

SUJEITO: Se o eixo semântico da conquista, S -----> O, se encontra no centro do funcionamento do esquema actancial e permite definir o sentido de todas alternativas actanciais, a determinação dos actores ou das realidades que exercem, no campo do agir político, os papéis de Sujeito e de Objecto é fundamental para organização deste modelo analítico e para a compreensão do mundo político que ele exprime.

No centro do jogo, nós encontramos os jogadores. No jogo político, os jogadores são os homens políticos. São eles que representam o papel de Sujeito no esquema actancial do universo político.

No modelo actancial de tipo mítico, o papel de Sujeito é representado por um ou mais heróis. Mas se muitos homens políticos se apresentam como seres ordinários, o grande papel com que sonham os monstros sagrados da política é o de super-homem. É o herói. É o semi-deus da política antiga, situado entre o céu e a terra¹⁵.

Fica assim perfeitamente justificada a aplicação à política do modelo actancial mítico proposto por Greimas.

OBJECTO: Trata-se, segundo o modelo analítico que estamos a seguir, de determinar o Objecto destinado à conquista, comprometendo o desejo do Sujeito.

Na linha de P. Lenain, podemos afirmar que, no jogo político, «o jogador luta pela sua sobrevivência... Ele é continuamente ameaçado pela morte política... O querer sobreviver explica o nervosismo de certos jogadores, a crueldade patética do jogo»¹⁶. Como no futebol, todo o esforço dos jogadores e toda a estratégia do jogo são orientados para a sobrevivência na competição e para a vitória. Chegar ao poder através da vitória política e aí se manter o mais tempo possível, eis o Objecto do esquema actancial do jogo político.

DESTINATÁRIO: Se a vitória sobre os adversários e a conquista do poder constituem o Objecto principal do esquema actancial do jogo político, o papel de Destinatário é representado pelos homens políticos vencedores nas suas lutas e instalados no poder.

(14) SWARTZENBERG R.G., *op. cit.*, pp. 31-40.

(15) LENAIN P., *op. cit.*, p. 27.

(16) LENAIN P., *op. cit.*, pp. 27-28.

ADJUVANTE E Oponente: A partir das conclusões de P. Lenain, é possível enumerar alguns elementos que favorecem o jogo político e que podem conduzir à vitória ou, ao contrário, que levam normalmente à derrota¹⁷.

Elementos favoráveis: Conhecer as regras do jogo, saber simular (a verdade deve ser sempre dissimulada), preparação, estruturas de apoio, massa dos eleitores, dominar a técnica do jogo, etc.

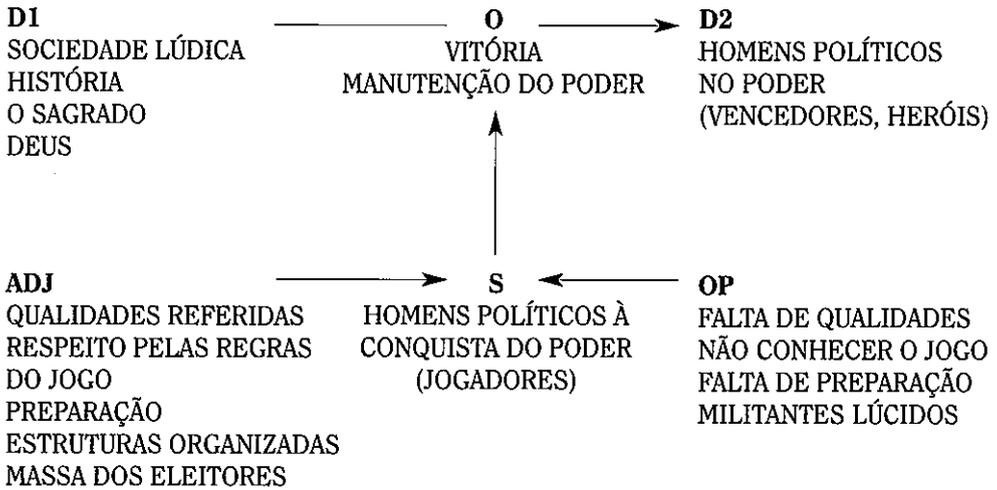
Elementos contrários: Falta de qualidades, demasiada sinceridade (a sinceridade política é preparada e fabricada segundo as regras do jogo), hesitação, timidez, mostrar facilmente o que se pensa, violar as regras do jogo, etc.

A estes elementos, devemos acrescentar a ajuda daqueles que não estão no jogo, a massa dos espectadores. Entre estes podemos distinguir os «militantes, as boas almas que acreditam nas ideologias, nos programas, mesmo nos discursos, e que têm dificuldade em compreender as regras do jogo político». Segundo P. Lenain, «os jogadores, que desconfiam dos militantes, são obrigados a recorrer aos indiferentes, que constituem a maioria das tropas e são eles que dão a vitória aos mais hábeis»¹⁸. Trata-se de jogar com realismo e eficácia. Isto faz-nos pensar na degradação do futebol, onde o realismo e a eficácia deforma a essência do jogo e a beleza do espectáculo. A partir dos elementos atrás citados, é fácil apresentar uma imagem global do jogo político, utilizando o modelo actancial de Greimas. A-organização deste modelo vai-nos permitir fundamentar a comparação entre desporto e política. Através dele vemos que a natureza e estrutura destes dois fenómenos é idêntica e que as realidades que constituem os diferentes postos actanciais ou são as mesmas ou têm afinidades verdadeiramente surpreendentes. Não é pois de admirar que os dois fenómenos tenham a mesma lógica, a mesma estratégia, a mesma linguagem e, no fundo, o mesmo funcionamento. Além disso, esta comparação far-nos-á compreender a misteriosa capacidade significativa do desporto e a importância que ele tem quando se trata de interpretar fenómenos humanos indispensáveis à sociedade como é a política, e que fazem parte da história humana desde os seus primórdios.

(17) LENAIN P., *op. cit.*, pp. 27-35 e pp. 37-44.

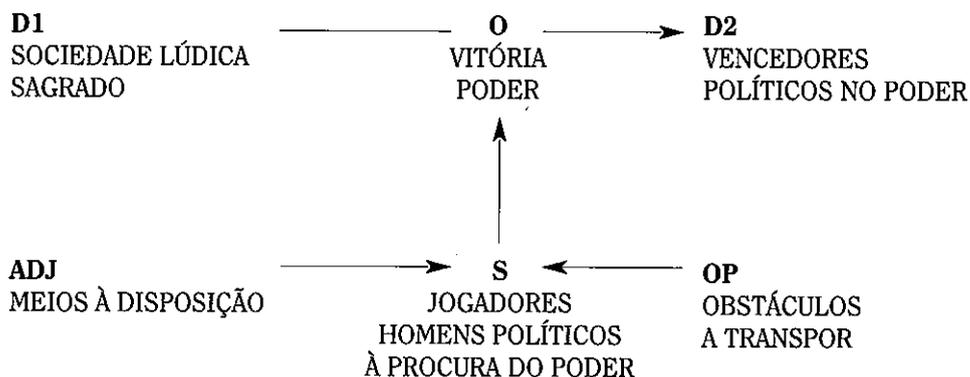
(18) LENAIN P., *op. cit.*, p. 80.

MODELO ACTANCIAL DO JOGO POLÍTICO



A utilização deste modelo mostra perfeitamente a identidade destes dois fenómenos: o desporto e a política. Para que a nossa tese fique ainda mais demonstrada e mais clara, podemos mesmo apresentar o modelo actancial de Greimas aplicado aos dois fenómenos ao mesmo tempo. Nesta aplicação simultânea do modelo actancial mítico ao desporto e à política, utilizaremos elementos muito gerais, pois os limites da nossa reflexão não permitem uma utilização exaustiva desta metodologia analítica, mas isto será suficiente para fazermos uma comparação interessante e significativa entre eles. O modelo actancial mostra-nos a natureza fundamental do fenómeno que estudamos, o papel dos actores e de todos os elementos que nele intervêm, a lógica profunda que condiciona o seu funcionamento e que, numa primeira análise, pode passar despercebida aos nossos olhos. No nosso caso, a aplicação deste modelo ao desporto e à política é sobretudo interessante para melhor compreendermos o comportamento dos nossos políticos, os objectivos que os movem, a lógica dos seus discursos e o modo como eles procuram convencer e conquistar os seus apoiantes e como eles se justificam, depois, quando não cumprem as promessas eleitorais que os levaram ao poder. Eis pois uma aplicação simultânea do modelo de Greimas ao desporto e à política, apenas a título de exemplo:

MODELO ACTANCIAL DE GREIMAS APLICADO AO DESPORTO E À POLÍTICA



Com a aplicação do modelo actancial mítico de Greimas ao desporto e à política pensamos que ficou bem provado que se trata de fenómenos estruturalmente idênticos. Vamos tentar agora, a partir deste trabalho analítico, compreender melhor a sociedade onde estes dois fenómenos funcionam e o homem que, através deles, procura realizar vitoriosamente o jogo da sua vida.

3. DESPORTO E POLÍTICA EM COMPETIÇÃO

3.1. O desporto é mais forte do que a política?

Se tomarmos como campo de observação o mundo do futebol, não teremos qualquer dúvida em afirmar que o desporto tem muito mais impacto e mais força sobre as massas populares do que a política. Durante o nosso trabalho de doutoramento, na Universidade Católica de Lovaina, sobre o funcionamento simbólico do futebol no imaginário popular visto através da imprensa desportiva de massa, tivemos conhecimento de um desabafo do jornalista Carlos Pinhão, do jornal «A Bola». Depois da Revolução do 25 de Abril, este jornal decidiu seguir a política e, mudando a sua imagem tradicional, procurou dar-lhe um aspecto mais moderno e mais democrático. Assim, deixou um pouco de lado os grandes ídolos, como o Eusébio, e os grandes clubes, como o Benfica, o Sporting e o Porto, para dar mais espaço ao desporto amador das aldeias e ao futebol dos pequenos grupos populares. «O resultado, afirmava Carlos Pinhão, traduziu-se por uma queda da tiragem na ordem dos 100.000 exemplares. Fomos obrigados a fazer marcha-atrás»¹⁹.

(19) CARLOS PINHÃO, Dossier «Expresso», 5 de Janeiro de 1985, p. 15.

Mas o que é que explica esta força misteriosa do desporto que o leva a ter mais impacto na sociedade do que a própria política?

No caso do futebol, a sua força, à primeira vista misteriosa, não é difícil de explicar. Como fenómeno institucional, muitas vezes manipulado como instrumento do poder político ou utilizado pelas forças económicas, o futebol funciona realmente como um puro fenómeno social. No fundo, o mistério deste jogo não é nada fácil de compreender. Se quisermos encontrar a explicação profunda da presença do mistério no futebol, temos de a procura na natureza mítico-religiosa deste desporto.

De qualquer forma, o desporto tomou um tal lugar no funcionamento da sociedade actual que levou alguém a firmar o seguinte: antigamente, os dirigentes desportivos corriam atrás dos dirigentes políticos para obterem favores para os seus clubes. Hoje são os políticos que correm atrás dos dirigentes desportivos para conseguirem apoios para as suas campanhas eleitorais. Aliás, a nossa experiência e a prática política mostram-nos que os estádios de futebol são, de facto, os melhores locais para os políticos se reconciliarem com os seus eleitorados. E os políticos sabem bem disto e não deixam, sempre que podem, de pôr este princípio em prática.

Para terminar esta reflexão, referimos apenas, a título de exemplo, o que se passou no Campeonato do Mundo de Futebol de 1982, em Espanha: a data deste Campeonato coincidiu com o período de eleições legislativas naquele país. Quase ninguém queria saber de política, pois todos estavam preocupados com o futebol. Toda a campanha eleitoral se desenrolou sob o tema do Mundial. Foi preciso conciliar política e futebol de tal maneira que a discussão sobre os programas eleitorais e sobre a acção do governo socialista passou para segundo plano. Por fim, tiveram de mudar a data das eleições.

3.2. Natureza lúdica do discurso político

No *Anuário do Futebol Português e Europeu 1983/84*, podemos ler uma série de depoimentos de jornalistas, onde vemos expressões como estas: «A política é a continuação do futebol por outros meios... O futebol é a continuação da política por outros meios... O futebol é menos demagógico que a política: nunca joga os destinos da Pátria». Ali encontramos uma expressão de Paulo Portas, na altura comentador político, que não podemos deixar de citar pelo interesse que ela encerra: «No futebol, ganham quase sempre os melhores. Em política, ganham muitas vezes os piores. O futebol é mais racional»²⁰.

Seja como for, o futebol parece ser menos perigoso. Enquanto este é um jogo declarado e situado teoricamente no campo do simbólico, a política é um jogo muitas vezes dissimulado e, em todo o caso, supostamente vivido como sendo uma actividade real.

(20) PAULO PORTAS, *Anuário do Futebol Português e Europeu 1983/84*, Lisboa, Ed. Renovação, 1983, p. 111.

Estas reflexões devem ajudar-nos a compreender melhor o jogo político e o discurso dos seus actores. Não podemos ficar surpreendidos com a substituição de um jogador que não está a jogar bem ou com as mudanças de jogadores no terreno para trocar as voltas ao adversário. Também não podemos ficar revoltados quando o treinador esconde o jogo e impõe à equipa uma estratégia diferente daquela que anunciou na véspera para assim conseguir a vitória.

O discurso político tem a sua lógica e o que ao público parece uma mentira clara é considerado pelos políticos como uma estratégia para a manutenção no poder. Os próprios políticos, mesmo aqueles que jogam com seriedade, não acham imoral fingir os adversários e esconder ao público o seu jogo. Aliás, o autor que vimos citando a propósito do jogo político afirma que a moral usual não tem nada a ver com a política e que, nesse campo, nenhuma verdade verdadeira existe e lembra o general De Gaulle, para quem «se se dissesse toda a verdade ao povo, mentir-se-lhe-ia continuamente». É uma ingenuidade pensar, afirma P. Lenain, que os governados não devem ser enganados. Como no caso do discurso desportivo, o discurso político considera que ajudar a sonhar pode ser uma coisa positiva²¹.

3.3. O nosso lugar no jogo político

Para vermos o lugar que os actores do jogo político ocupam nesse jogo e a importância que eles aí têm, basta analisar os eixos semânticos do modelo actancial de Greimas que lhes dizem respeito e o modo como eles lá se situam. Neste modelo, o eixo S -----» O, ou eixo da conquista, encontra-se no centro do seu funcionamento. Ele traduz, portanto, o centro do jogo onde encontramos os actores políticos. É claro que o fundamento de todo o jogo é expresso pelo eixo da comunicação, D1 ----- O -----» D2, que representa toda a possibilidade da existência do próprio jogo. De qualquer forma, são estes dois eixos semânticos que exprimem a natureza, a essência e a importância da actividade dos homens políticos e todos os objectivos que eles perseguem, principalmente as vitórias eleitorais e a manutenção no poder. São eles evidentemente os grandes beneficiários do jogo político. Quando dizem o contrário às multidões, utilizam a mesma lógica e afirmam a mesma verdade que os futebolistas, quando estes dizem que jogam e lutam para dar alegrias à massa associativa do clube.

A situação daqueles que não se consideram políticos, como é o nosso caso, é expressa pelo eixo da luta, ADJ -----» S «----- OP. Para todos os efeitos, trata-se de um eixo semântico marginal e os eleitores apenas funcionam como Adjuvante ou como Oponente na luta do Sujeito à conquista da Vitória.

Finalmente, no jogo político, os eleitores são, na realidade, como os adeptos e espectadores do jogo desportivo e como as massas associativas que pagam para que o espectáculo

(21) Cfr. LENAIN P., *op. cit.*, pp. 27-35 e 37-44.

se possa realizar e para que os jogadores consigam conquistar a vitória e se mantenham o melhor classificados possível.

Esta pequena análise deve ajudar-nos a compreender melhor o funcionamento do fenómeno político e a lógica profunda e latente que rege a actividade dos seus actores. Assim não teremos razões para ficar surpreendidos com a não concordância entre os discursos e as práticas dos políticos, mesmo e sobretudo daqueles em quem nós votámos. Talvez tenhamos, muitas vezes, razões válidas para estar descontentes, mas não para passarmos o tempo a dizer-nos a nós próprios e aos amigos que fomos enganados.

3.4. Desporto e Política: entre a ideologia e a utopia

A obra colectiva em que está incluído este nosso trabalho tem o seguinte título geral: *O Desporto e o Estado – Ideologias e práticas*.

Todas as nossas reflexões analíticas tiveram como ponto de partida e como campo de observação as práticas dos actores desportivos e políticos. Agora, deixando de lado todas as questões relativas à definição e classificação das ideologias, vamos apenas apresentar algumas ideias sobre o funcionamento ideológico do desporto e da política no imaginário social, partindo do pensamento do grande filósofo francês Paul Ricoeur. Assim seremos obrigados a contrapor o funcionamento ideológico destes dois fenómenos com o seu funcionamento utópico no mesmo imaginário social.

Como diz Paul Ricoeur, «o imaginário social, umas vezes opera sob a forma de ideologia, outras vezes opera sob a forma de utopia»²². Isto ajuda-nos a compreender a estrutura essencialmente conflitual do imaginário colectivo.

Toda e qualquer ideologia tem fundamentalmente uma tripla função: proporcionar um meio de integração social, servir para construir uma justificação da realidade sociopolítica e permitir a dissimulação das deficiências da sociedade. Ora a experiência mostra-nos que tanto o desporto como a política, pelas suas práticas e pela utilização que deles se faz, respondem frequentemente a estes três níveis de funcionamento da ideologia em geral.

No que diz respeito ao desporto, vemos isto facilmente quando o analisamos como um espelho da sociedade e como uma representação simbólica da vida real. Aliás este funcionamento de tipo ideológico do desporto não é necessariamente negativo. O desporto pode nomeadamente ajudar a sociedade a compreender melhor as suas estruturas, a reforçar a sua identidade ou a assumir, com maior consciência, as contradições que continuamente a ameaçam.

Mas se o desporto exerce esta função ideológica não como sua primeira vocação, fazendo-o, muitas vezes, de maneira indirecta e inconsciente, a política exerce-a consciente e volun-

(22) RICOEUR P., *Du texte à l'action – Essais herméneutiques II*. Paris, Seuil, 1986, p. 379.

tariamente. No entanto parece-nos que o funcionamento ideológico do desporto é menos vicioso e mais favorável à sociedade e ao próprio homem do que o da política.

Paralelamente ao funcionamento ideológico, tanto o desporto como a política exercem, no imaginário social, uma função de tipo utópico. «Se a ideologia preserva e conserva a realidade, diz P. Ricoeur, a utopia põe-na essencialmente em questão. A utopia, neste sentido, é a expressão de todas as potencialidade de um grupo que se encontram recalçadas pela ordem existente»²³.

Como ainda recentemente tivemos ocasião de afirmar, é assim que o desporto pode ser visto como a expressão de uma sociedade alternativa, como a interrogação sobre o funcionamento de uma dada sociedade, como um certo desvio do real pela construção imaginária de um mundo ideal²⁴.

A acção do desporto sobre o imaginário popular manifesta esta dialéctica entre o funcionamento ideológico e o funcionamento utópico do imaginário colectivo. Embora sendo um espelho da sociedade, com todos os seus problemas, crises e contradições, o desporto é também, e talvez mais ainda, a expressão deste desejo profundo do homem de qualquer coisa que o ultrapassa, da vitória a que aspira, de festa de que sente necessidade, das alegrias e emoções sem as quais a vida humana não tem sentido. O desporto, vivido na sua autenticidade, livre de corrupções, desvios e influências estranhas ao seu funcionamento original, é já uma certa realização de uma sociedade mais perfeita, mais justa, mais festiva, mais fraterna e mais humana do que aquela que conhecemos e em que temos de viver.

É claro que esta tarefa de pensar a sociedade e o homem a partir da simbólica desportiva não nos pode levar a imaginar uma sociedade sem conflitos e sem luta, pois estes elementos, como vimos nos modelos analíticos que utilizámos, fazem parte da sua estrutura profunda e a sua manutenção está erigida em sistema e legitimada por leis universais. Mas, se tudo correr como está regulamentado, como aliás deve ocorrer no desporto, a sociedade terá sempre um funcionamento dialéctico, mas será uma sociedade justa e harmoniosa.

Ora é precisamente aqui que se coloca o problema do funcionamento utópico da política. Os políticos, nos seus discursos, prometem tudo para construir esta sociedade justa e harmoniosa. Prometem melhores condições de trabalho, melhor saúde, melhor educação, melhor qualidade de vida. Porém as práticas políticas desmentem frequentemente todas estas boas intenções que constituem o conteúdo dos discursos políticos, principalmente nos momentos eleitorais.

Sendo assim, e para concluirmos, somos obrigados a constatar que o funcionamento utópico do desporto é muito mais eficaz, verdadeiro e regenerador do que o funcionamento utópico da política, embora reconheçamos que o desporto tem a vida facilitada, pois funciona no campo do simbólico, enquanto a política tem de se ocupar da nossa vida real.

(23) RICOEUR P., *op. cit.*, p. 388.

(24) SILVA COSTA A., *Desporto e Antropologia*, em ANA LUÍSA PEREIRA, ANTÓNIO COSTA E RUI PROENÇA GARCIA, *O desporto entre lugares*, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2006, p. 64.

CONCLUSÃO

A VITÓRIA É DO DESPORTO: DOIS EXEMPLOS

Os leitores devem ter constatado que, no decorrer das nossas reflexões, nós parecíamos mais favoráveis ao desporto do que à política. A nossa posição não é um julgamento de valor sobre os dois fenómenos em questão, mas simplesmente uma constatação do impacto e da influência que eles têm sobre as populações e sobre a sociedade em geral. Assim não temos dúvidas em afirmar que, numa comparação competitiva entre o desporto e a política, a vitória situa-se claramente do lado do desporto. Para provar isto, vamos citar apenas dois exemplos: O EURO-2004 e a Cimeira Europa/África, esta realizada nos dias 8 e 9 de Dezembro de 2007.

Todos se recordam da euforia do EURO-2004. Bandeiras de Portugal nas casas, nas árvores e em muitos outros lugares; festas populares por todo o lado; jovens e velhos, homens e mulheres, ricos e pobres, pessoas de todas as culturas, todos se deixaram embalar pela grande festa do futebol. Os jogadores eram aclamados como verdadeiros ídolos, como autênticos super-homens. O país parou umas semanas para celebrar o culto da bola. O mundo acertou os relógios por Lisboa. Portugal, naqueles dias, foi o centro do planeta. Os Portugueses do mundo inteiro esqueceram todos os seus problemas e a distância que os separava da Mãe-Pátria para viverem todos, em comunhão profunda, aquela festa desportiva, a maior que algum dia se celebrou em Portugal. No nosso caso pessoal, vivemos a final do EURO-2004 na cidade de Tours, em França. Nas ruas e praças dessa cidade, vimos muitos portugueses com camisolas com as cores de Portugal e muitas bandeiras portuguesas nos carros e nos bares dos Portugueses.

Naquela ocasião, numa «Noite de Sociologia», organizada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto no novo e artístico Estádio de Braga, dissemos, num tom humorístico, mais ou menos isto: «Vendo a maneira como este acontecimento desportivo está a ser vivido pelo povo português, parece que o EURO-2004 é o acontecimento mais importante que se realiza em Portugal depois dos Descobrimentos». Esta afirmação valeu-nos algumas críticas por parte de uma certa imprensa portuguesa, mas foi considerada justa e interessante por um jornalista alemão que ali estava presente e que a tornou pública no seu jornal, na Alemanha.

E o que é que se passou com a Cimeira Europa/África? Ouvi alguém dizer na Televisão que se tratava do maior acontecimento político algum dia realizado em Portugal. Reunir 27 Estados Europeus e 53 Estados Africanos constituía, de facto, um acontecimento político extraordinário. É claro que se fizeram ouvir várias críticas dizendo que se tratava de um encontro em que os Estados Europeus procuravam defender os seus interesses económicos em África para continuar a explorar os Povos Africanos.

Não sei o que é que se passou com as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, mas aqui em Portugal o acontecimento não teve o impacto popular que certamente os políticos esperavam. Seria interessante saber quantos por cento dos Portugueses acompanha-

ram o acontecimento ou souberam do que se tratava. Uma grande parte da população portuguesa nem se deu conta do que se estava a passar em Lisboa. Três dias depois da Cimeira, consultámos alguns jornais portugueses para ver se ainda falavam deste acontecimento político e das suas consequências e não encontramos nenhuma referência em qualquer deles.

Pensamos que um só jogo da Selecção Portuguesa, no EURO-2004, teve mais impacto sobre os Portugueses e mobilizou mais as atenções das populações do que toda a Cimeira Europa/África. Se estes dois acontecimentos fossem um jogo entre o desporto e a política, a vitória daquele não sofreria a mínima contestação e todos a achariam justa. Não quero dizer que isto seja positivo ou que mereça a nossa incondicional aprovação. Trata-se de um mero juízo de constatação da realidade que vivemos.

Não é nossa intenção afirmar categoricamente qual destes dois fenómenos, o desporto e a política, é o mais importante para a sociedade e para o próprio homem. Terminamos, porém, com uma constatação que ninguém conseguirá certamente negar: o desporto tem dado aos Portugueses, e infelizmente vai continuar a dar, muitas mais alegrias, mais vitórias e mais prestígio no plano internacional do que a política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROHM J.-M. (1976), *Sociologie politique du sport*, Paris: Jean-Pierre Delarge.
- CHABROL, CL. (1973), *Sémiotique narrative et textuelle*, Paris: Larousse.
- DURKHEIM, E. (1995), *Les formes élémentaires de la vie religieuse – Le système totémique en Australie*, Paris: PUF.
- GREIMAS, A. J. (1966), *Sémantique structurale – Recherche de méthode*, Paris: Librairie Larousse.
- LENAIN, P. (1986), *Le jeu politique*, Paris: Ed. Economica.
- PINHÃO, C. (5 de Janeiro de 1985), *Dossier «Expresso»*, Lisboa.
- RICOEUR, P. (1986), *Du texte à l'action – Essais herméneutiques II*, Paris: Seuil.
- SILVA COSTA, A. (1995), *Elementos para uma teoria desportiva da sociedade*, Lição para as Provas de Agregação, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- SILVA COSTA, A. (1995), *Essai d'une herméneutique sportive de la société*, in DERÈZE G., *La quatrième mi-temps*, Louvain-la-Neuve, O.R.M., Université Catholique de Louvain.
- SILVA COSTA, A. (1997), *À Volta do Estádio – O Desporto, o Homem e a Sociedade*, Porto: Campo das Letras.
- SILVA COSTA, A. (2006), *Desporto e Antropologia*, em ANA LUÍSA PEREIRA, ANTÓNIO COSTA, RUI PROENÇA GARCIA, *O desporto entre lugares, O lugar das Ciências Humanas para a compreensão do desporto*, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- SCHWARTZENBERG, R. G. (1977), *L'état spectacle, Le star system en politique*, Paris: Flammarion.
- VÁRIOS (1983), *Anuário do Futebol Português e Europeu 1983/84*, Lisboa: Ed. Renovação.
- VASSORT, P. (1999), *Football et politique – Sociologie historique d'une domination*, Paris: Les Éditions de la Passion.